



# Dissonância

revista de teoria crítica

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

[www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica)

|                 |   |
|-----------------|---|
| <b>Título</b>   | Antologia de textos de Walter Benjamin sobre Johann Peter Hebel   |
| <b>Autor</b>    | Walter Benjamin   |
| <b>Tradutor</b> | Fernando Araújo Del Lama  |
| <b>Fonte</b>    | <i>Dissonância: Revista de Teoria Crítica</i> , v. 5, Campinas, 2021  |
| <b>Link</b>     | <a href="https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/workflow/index/4396">https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/workflow/index/4396</a> |

Formato sugerido de citações:

LAMA, Fernando Araújo Del. “Apresentação das traduções”. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v. 5, Campinas, 2021, p. 433-438.

BENJAMIN, Walter. “Johann Peter Hebel <1>: A propósito do centenário de sua morte”. *Revista de Teoria Crítica*, v. 5, Campinas, 2021, p. 439-445.

BENJAMIN, Walter. “Johann Peter Hebel <2>: Um enigma ilustrado a propósito do centenário de sua morte”. *Revista de Teoria Crítica*, v. 5, Campinas, 2021, p. 446-450.

BENJAMIN, Walter. “Hebel defendido contra um novo admirador”. *Revista de Teoria Crítica*, v. 5, Campinas, 2021, p. 451-456.

BENJAMIN, Walter. “<Johann Peter Hebel 3>”. *Revista de Teoria Crítica*, v. 5, Campinas, 2021, p. 457-466.

BENJAMIN, Walter. “Caixinha de tesouro do amigo da família renana, de J. P. Hebel”. *Revista de Teoria Crítica*, v. 5, Campinas, 2021, p. 467-468.

# ANTOLOGIA DE TEXTOS DE WALTER BENJAMIN SOBRE JOHANN PETER HEBEL<sup>1</sup>

Apresentação das traduções

Fernando Araújo Del Lama<sup>\*</sup>

## Apresentação

Isso posso dizer sem coquetismo: Hebel *me* chamou. Eu não procurei por ele. Nunca sonhei (e muito menos quando o li) que “trabalharia” sobre ele. Mesmo agora, minha ocupação com ele sempre vem de vez em quando, fragmentária e provocada, e permanecerei fiel a essa cômica relação de serviço e prontidão escrevendo um livro sobre ele (GS II-3: 1002; 1445).<sup>2</sup>

---

1 As traduções aqui apresentadas, bem como a nota introdutória que as acompanha, foram discutidas no Grupo de Orientação coordenado pelo Prof. Ricardo Ribeiro Terra, a cujos participantes Ana Cláudia Lopes Silveira, Frederico Almeida Ramalho, Luciano Rolim e Lutti Mira, além do próprio coordenador, o tradutor agradece pelo auxílio em algumas das soluções adotadas.

<sup>\*</sup> Doutorando em Filosofia na Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre a ideia de materialismo em Walter Benjamin sob orientação do professor Ricardo Ribeiro Terra e apoiada financeiramente pela FAPESP (Processo No: 2017/05560-5, para a bolsa no país, e 2019/03048-0, para a bolsa de estágio de pesquisa no exterior, realizado entre setembro de 2019 e agosto de 2020 na Humboldt-Universität zu Berlin sob supervisão do professor Daniel Weidner).

Essa anotação foi coligida entre os manuscritos redigidos por Benjamin a propósito de Johann Peter Hebel; ela exprime, de maneira exemplar, a contraditória relação entre a ocupação com Hebel, sempre motivada por algum evento ou encomenda particular, e a intenção de escrever um livro sobre ele. Afinal, um livro ou um trabalho de maior fôlego exigiria, ao menos, que a dedicação a seu objeto rompesse com tal caráter ocasional. Todos os cinco textos aqui traduzidos carregam as marcas deste caráter. Os dois primeiros (ver *GS* II-1: 277-80; 280-83) foram redigidos a propósito do centenário da morte de Hebel e publicados, em setembro de 1926, em diversos periódicos alemães. O terceiro (ver *GS* III: 203-6 / *WuN* 13.1:221-5) se trata de uma resenha crítica do livro “Johann Peter Hebel als Erzähler”, de Hanns Bürgisser, publicada no início de outubro de 1929 no *Frankfurter Zeitung*. O quarto (ver *GS* II-2: 635-40 / *WuN* 9.1: 420-6) é fruto de uma palestra radiofônica, proferida no final de outubro de 1929 para a *Südwestdeutschen Rundfunk*, em Frankfurt. Final-

2 Os textos de Walter Benjamin são citados de acordo com a edição *Gesammelte Schriften*, estabelecida por Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser e editada em sete volumes pela editora Suhrkamp entre 1972 e 1989, abreviada por *GS*, seguida da indicação do volume em algarismos romanos e do tomo em algarismos arábicos, além da página, também em algarismos arábicos. Os textos inseridos em volumes já publicados da edição crítica – *Werke und Nachlaß. Kritische Gesamtausgabe* – são indicados de modo complementar, através da abreviatura *WuN*, seguida da indicação do volume e página, ambos em algarismos arábicos. Além disso, as referências às traduções para língua inglesa são feitas, salvo indicação mais precisa, de acordo com o primeiro volume da edição *Selected Writings*, organizada por Michael W. Jennings e editada em quatro volumes pela Harvard University Press entre 1996 e 2006, sob a abreviatura *SW*; já as referências às traduções para a língua italiana seguem os volumes dois, três e cinco da edição *Opere Complete*, organizada por Enrico Ganni e editada em nove volumes pela Giulio Einaudi entre 2000 e 2014, sob a abreviatura *OC*; por fim, a referência à tradução para a língua francesa acompanha o segundo tomo da edição *Œuvres*, um esforço conjunto de Maurice de Gandillac, Rainer Rochlitz e Pierre Rusch editada em três tomos pela Gallimard em 2000, abreviada por *Œ*.

mente, o quinto e último (ver GS II-1: 628) consiste na resposta de Benjamin à pergunta “O que devemos presentear no Natal?”, feita a ele e a outros escritores no contexto de uma enquête organizada pela publicação praguense *Welt im Wort* em dezembro de 1933.<sup>3</sup> Apesar disso – ou talvez por conta precisamente desse caráter esporádico da ocupação com Hebel, somado à necessidade de abandonar a Alemanha por conta da ascensão nazista no início de 1933 –, o livro almejado por Benjamin, infelizmente, não veio à luz. A respeito das linhas gerais que orientam a interpretação, Samuel Titan comenta que Benjamin denuncia o sequestro de Hebel

por críticos conservadores que o apresentavam como um autor popular, como um arauto da alemanidade das pequenas cidades, que eles contrastavam com o cosmopolitismo moderno desenraizado. O Hebel de Benjamin mostra uma figura completamente diferente e é notável pela complexidade, não pela simplicidade: é um cristão, mas também encarna o espírito do Esclarecimento, privilegiando a ética e a tolerância sobre o misticismo e o fanatismo; é um homem prático, de cunho camponês, impregnado de sabedoria tradicional e, no entanto, não menos de uma alma contemplativa, que pode ponderar tanto sobre as estrelas quanto sobre a história contemporânea; enfim, é um magistral contador de histórias, com ouvido para seu dialeto local, mas sem interesse pelo romance.<sup>4</sup>

\* \* \*

---

3 Os detalhes referentes ao contexto de surgimento dos textos foram extraídos do suplemento editorial dos *Gesammelte Schriften*, bem como do verbete “Zu Johann Peter Hebel”, da autoria de Erdmut Wizisla, em LINDNER, B. (Hrsg.) *Benjamin-Handbuch. Leben – Werk – Wirkung*. Stuttgart; Weimar: J.B. Metzler, 2011, p. 493 ss.

4 TITAN, S. “Introduction”. In: BENJAMIN, W. *The Storyteller Essays*. Ed. S. Titan. Trad. T. Lewis. New York: New York Review Books, 2019, p. xi-xii.

O intuito da tradução destes textos sobre Hebel, ainda inéditos em língua portuguesa, é suprir uma das lacunas da recepção lusófona da obra de Benjamin, vinculada, particularmente, à teoria da narração (*erzählen*); a fortuna crítica – inclusive a internacional<sup>5</sup> – priorizou a figura de Nikolai Leskov, objeto central do ensaio sobre o *Erzähler*, o narrador, o contador de histórias, relegando a importância de Hebel apenas às passagens que o mencionam no ensaio sobre o escritor russo. Ora, o “incomparável Johann Peter Hebel”, para dizer com Benjamin (GS II-1: 450),<sup>6</sup> merece que a interpretação benjaminiana a seu respeito seja conhecida do público lusófono, para que ele mesmo retire suas próprias conclusões – sobretudo no contexto da recente publicação da tradução das narrativas ficcionais escritas por Benjamin e da consequente renovação do interesse por ques-

---

5 São muito poucos os ensaios ou artigos que consideram a interpretação benjaminiana de Hebel nesse contexto: Alexander Honold, por exemplo, trata de Hebel apenas difusamente no verbete “Erzählen” dos *Benjamins Begriffe* em função do privilégio de Leskov, reafirmando a perspectiva seguida por boa parte dos estudiosos (ver HONOLD, A. “Erzählen”. In: OPITZ, M.; WIZISLA, E. (Hrsg.). *Benjamins Begriffe*. 2 Bd. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2000, p. 390-1); notáveis exceções nesse sentido são o extenso e primoroso artigo de Richard Faber (FABER, R. “Der Erzähler’ Johann Peter Hebel. Versuch einer Rekonstruktion”. In: BOLZ, N.; FABER, R. (Hrsg.). *Walter Benjamin: Profane Erleuchtung und rettende Kritik*. 2. Aufl. Würzburg: Königshausen und Neumann, 1985) e o verbete de Wizisla, que compila, ainda, uma síntese bibliográfica sobre Hebel ao seu fim (WIZISLA, E. “Zu Johann Peter Hebel”. In: LINDNER, B. (Hrsg.) *Benjamin-Handbuch. Leben – Werk – Wirkung*. Stuttgart; Weimar: J.B. Metzler, 2011).

6 BENJAMIN, W. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. S. P. Rouanet; rev. técnica M. Seligmann-Silva. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 224; BENJAMIN, W. “O contador de histórias. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: BENJAMIN, W. *A arte de contar histórias*. Trad. P. Lavelle. São Paulo: Hedra, 2018, p. 36; BENJAMIN, W. “O contador de histórias: Reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: BENJAMIN, W. *Linguagem, tradução, literatura (filosofia, teoria e crítica)*. Trad. J. Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 151.

tões de tais sorte dela decorrente.<sup>7</sup> Tendo em vista, sobretudo, que há uma diferença de uma década entre os primeiros textos sobre Hebel e o ensaio sobre Leskov, talvez seja interessante ressaltar alguns pontos que se tornariam centrais na década de 1930 e que já foram antecipados nestes textos. A contraposição entre experiência (*Erfahrung*) e vivência (*Erlebnis*), por exemplo, que seria apenas mencionada nos materiais para as *Passagens* (ver GS V-1: 430 / J 62a, 2,<sup>8</sup> bem como em diversos fragmentos coligidos no *Konvolut m – Ócio e ociosidade*, tais como “m 1a, 3”, “m 2, 1”, “m 2a, 4”, em GS V-2: 962 ss)<sup>9</sup> e conceitualmente desenvolvida em *Sobre alguns temas em Baudelaire*, de 1939 (ver GS I-2: 605 ss),<sup>10</sup> já é aludida no primeiro dos textos, de 1926. Ou ainda, a distinção entre o cronista e o historiador-cientista, que será retomada no capítulo 12 do ensaio sobre Leskov (ver GS II-1: 451-2)<sup>11</sup> e que terá um papel determinante na terceira das teses *Sobre o conceito de história* (ver GS I-2: 694 / WuN 19: 70.<sup>12</sup> Para não mencionar, obviamente, os diversos trechos reaproveitados *ipsis lit-*

7 Ver BENJAMIN, W. *A arte de contar histórias*. Trad. P. Lavelle. São Paulo: Hedra, 2018.

8 BENJAMIN, W. *Passagens*. Org. W. Bolle; trad. do alemão I. Aron; trad. do francês C. P. B. Mourão; rev. técnica P. F. Camargo. Belo Horizonte: UFMG, 2018, p. 565.

9 Id., p. 1277 ss.

10 BENJAMIN, W. “Sobre alguns temas em Baudelaire”. In:– *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Trad. J. C. M. Barbosa e H. A. Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 93 ss; BENJAMIN, W. “Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire”. In:– *Baudelaire e a modernidade*. Ed. e trad. J. Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 105 ss.

11 BENJAMIN, W. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: op. cit., p. 225-7; BENJAMIN, W. “O contador de histórias. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: op. cit., p. 38-40; BENJAMIN, W. “O contador de histórias: Reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: op. cit., p. 152-4.

12 BENJAMIN, W. “Sobre o conceito de História”. In: LÖWY, M. *Walter Benjamin – aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Trad. das teses J. M. Gagnebin e M. L. Müller. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 54.

*teris* no ensaio sobre Leskov, procedimento mais ou menos usual em Benjamin, posto que a cada novo uso, eles são ressignificados em função da constelação conceitual que se estabelece. Afinal, como observa Titan,

Hebel preparou o caminho de Benjamin para Leskov, que ele começou a ler seriamente um pouco mais tarde, como ele diz a Hugo von Hofmannsthal em uma carta de fevereiro de 1928.<sup>13</sup>

---

13 TITAN, S. “Introduction”. In: BENJAMIN, W. *The Storyteller Essays*. Ed. S. Titan; trad. T. Lewis. New York: New York Review Books, 2019, p. xii. A carta a Hofmannsthal mencionada data de 8 de fevereiro de 1928; nela, Benjamin escreve: “minha última semana está sob a influência dominante da leitura de Leskov. Desde que comecei a ler na nova edição completa da editora Beck, quase não consigo parar. Nos anúncios desta edição, há uma frase sua sobre o poeta. Se o senhor ocasionalmente já falou sobre ele com mais detalhes, eu ficaria muito grato se me dissesse onde posso encontrá-lo” (BENJAMIN, W. *Gesammelte Briefe. Bd. III*. Hrsg. C. Gödde und H. Lonitz. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997, p. 332).

# JOHANN PETER HEBEL <1>

## A propósito do centenário de sua morte\*

Walter Benjamin

*Tradução de Fernando Araújo Del Lama*

Se hoje, no centenário de sua morte, não se pode exumar J. P. Hebel como “incompreendido” e se pode recomendá-lo ao interesse público, é muito mais por seu próprio mérito do que pelo da posteridade. Mérito da modéstia soberana, que nem mesmo postumamente se resignaria a tal papel e que privou um século da intuição (*Einsicht*) de possuir na *Caixinha de tesouros do amigo da família renana* (*Schatzkästlein des rheinischen Hausfreundes*) uma das mais altas obras da ourivesaria da prosa alemã. Porém, se tal intuição soa nova ou mesmo paradoxal, a culpa é desse século XIX, dessa posteridade, da terrível arrogância cultural (*Bildungshochmut*) que atirou a chave deste porta-joias aos camponeses e crianças, porque ainda agora os escritores populares (*Volksschriftsteller*) estão atrás de qualquer “poeta” abandonado por Deus. Sobretudo se sua fonte jorra dialeto. E –

---

\* O número entre “cotovelos” após o título foi adicionado pelos editores da GS, a fim de facilitar a diferenciação entre os textos de Benjamin sobre Hebel.

admitindo-se isso – uma fonte turva, caso ela própria seja suficientemente contumaz, quer se destacar vaidosamente perante a literatura da nação e tacanhamente perante os assuntos da humanidade. O humanismo esclarecido de Hebel, entretanto, o protegeu disso. Nada situa-se mais distante da arte provincialmente restrita da terra natal do que o cosmopolitismo declarado de seus palcos. Moscou e Amsterdã, Jerusalém e Milão formam o horizonte de um globo terrestre em cujo centro situam-se – por direito – Segringen, Brassenheim e Tuttlingen. É isso, então, o que se passa com toda a arte popular (*Volkskunst*) autêntica e espontânea: ela fala sobre o exótico e o monstruoso com o mesmo amor e na mesma língua com que fala sobre os próprios assuntos domésticos. O olhar arregalado e observador deste eclesiástico e filantropo inclui até mesmo a própria estrutura do universo na economia do povoado e Hebel trata de planetas, luas e cometas não como professor, mas como cronista. Por exemplo, se diz o seguinte sobre a Lua (que de repente se coloca diante de alguém como uma paisagem, como na pintura famosa de [Marc] Chagall):\*

Lá em um lugar o dia dura tanto quanto cerca de 2 das nossas semanas e a noite é igualmente longa, de modo que um vigia noturno deve tomar muito cuidado para não perder a noção das horas quando começar a bater 223 ou 309.

Depois de frases como essas, não é difícil adivinhar que Jean Paul\* era o escritor favorito deste homem. É evidente que tais homens, empiristas “sutis” segundo a expressão de Goethe,

\* Marc Chagall (1887-1985) foi um pintor franco-russo de origem judaica, famoso pelo uso da Lua cheia em suas pinturas, que desempenha um papel menos de corpo celestial ou fonte de luz do que como símbolo.

tinham um contato altamente intenso, excêntrico e imprevisível com toda a amplitude da realidade, porque para eles tudo o que é factual já era uma teoria, um teorema moral, sobretudo o fato anedótico, criminoso, gracioso e local como tal. Em *Levana*, Jean Paul recomenda aguardante aos bebês e exige que eles recebam cerveja. Porém, de modo muito mais incontestável, Hebel insere crimes, falcaturas e travessuras juvenis no material da concepção (*Anschauunsmaterial*) de seus almanaques populares. Pois aqui, como em todas as suas coisas, a moral jamais surge do lugar de onde se espera segundo as convenções. Todos sabem como o aprendiz de barbeiro de Segringen se atreve a aparar a barba do “forasteiro do exército” porque ninguém mais tem coragem. “Mas se me cortares, esfaqueio-te até a morte”, diz o soldado. E, então, o aprendiz esclarece no final:

Bondoso senhor, não me teríeis apunhalado, em vez disso, caso tivésseis vos sacudido e eu vos tivesse cortado o rosto, eu teria me antecipado, rasgado vossa garganta em um instante e pulado para bem longe.

Esse é o modo de Hebel fazer moral.

Hebel criou inúmeras histórias de vigaristas a partir de fontes antigas; mas o temperamento patife e vagabundo de Zundelfrieder, de Heiner e de Dieter, o ruivo, partiu dele mesmo. Quando menino, ele era famoso por suas travessuras e conta-se o seguinte a respeito do Hebel adulto: [Franz Joseph] Gall,\* o

---

\* Jean Paul (1763-1825), pseudônimo de Johann Paul Friedrich Richter, foi um escritor romântico alemão, conhecido pelo tom humorístico de seus romances.

\* Franz Joseph Gall (1758-1828) foi um médico e anatomista alemão, célebre pelo desenvolvimento da frenologia. Esta teoria pseudocientífica reivindicava a capacidade de determinar o caráter, características da personalidade e grau de criminalidade pelo

célebre primeiro frenologista, foi certa vez à Baden; lá, apresentaram Hebel a ele e pediram um parecer. Porém, Gall, ao tatear, deixou soar sob um indistinto murmúrio apenas as palavras “extraordinariamente, vigorosamente formado”. E o próprio Hebel, questionando: “O órgão do ladrão?”

As grandes litografias que Dambacher acrescentou no ano de 1842 a uma edição das *Anedotas do amigo da família renana* (*Schwänke des rheinischen Hausfreundes*) mostram quanto o demoníaco se envolve nessa essência cômica da anedota hebeliana. Essas ilustrações extremamente fortes são, por assim dizer, sinais na trilha secreta e dos jogos de azar ao longo da qual os malandros mais soalheiros de Hebel entram em contato com os pequeno-burgueses mais sombrios e terríveis do “Wozzeck”, de [Georg] Büchner.\*\* Pois este pastor, que sabia como descrever o agir como nenhum outro dentre os escritores alemães e como transitar entre todos os registros da mais baixa pechincha até a generosidade da dádiva não seria o homem a ignorar o demoníaco na vida profissional burguesa. Ele trouxe consigo o aprendizado do teólogo. Mas a disciplina protestante continua a atuar diretamente também no prosaico em Hebel. Se isso teve de ser no geral apreendido muito limitadamente – para ele não há dúvida alguma de que a nova prosa alemã é um confronto altamente tenso e dialético entre dois polos. Um constante e um

---

exame do formato do crânio.

\*\* Georg Büchner (1813-1837) foi um escritor e dramaturgo alemão. Sua última peça, *Woyzeck*, o último drama de Büchner, denuncia a exploração social da pequena burguesia em relação aos mais desfavorecidos nos mais diversos âmbitos. Ela inspirou a primeira ópera do compositor austríaco Alban Berg, cuja estreia se deu em 1925, sob o título de *Wozzeck*, o que explica a confusão de Benjamin entre o nome da peça e da ópera.

variável: o primeiro é o alemão da bíblia de Lutero e o segundo é o alemão falado. A maneira como ambos se interpenetram em Hebel é a chave de sua maestria artística. Ela certamente não é apenas de natureza linguística. Quando, em “Reencontro inesperado” (*Unverhofften Wiedersehen*), o seu relato de um decurso de tempo de cinquenta anos, no qual uma noiva sofre pela morte de seu incidentado amado, o mineiro, introduz essa passagem incomparável:

Nesse meio-tempo, a cidade de Lisboa, em Portugal, foi destruída por um terremoto e a Guerra dos Sete Anos chegou ao fim e o imperador Francisco I morreu e os jesuítas foram suspensos e a Polônia, dividida e a imperatriz Maria Teresa morreu e Struensee foi executado, a América se libertou e as forças combinadas da França e da Espanha não puderam conquistar Gibraltar. Os turcos encurralaram o general Stein na Cova dos Veteranos, na Hungria e o imperador José morreu também. O rei Gustavo da Suécia conquistou a Finlândia aos russos e a Revolução Francesa e a grande guerra irromperam e o imperador Leopoldo II desceu também ao túmulo. Napoleão conquistou a Prússia e os ingleses bombardearam Copenhague e os lavradores semeavam e ceifavam. O moleiro moía, os ferreiros martelavam e os mineiros cavavam atrás dos veios de metal em sua oficina subterrânea. Mas no ano de 1809, quando os mineiros de Falun...

Ao apresentar assim o decurso de cinquenta tristes anos, fala aí uma metafísica que é experienciada (*erfahren*) e conta mais do que qualquer metafísica “individualmente vivenciada” (*erlebte*).

---

\* Reproduz-se aqui a primorosa tradução de Samuel Titan Jr. (TITAN JUNIOR, S. V. “O Almanaque de Johann Peter Hebel”. *Novos Estudos CEBRAP* 72, p. 239, 2005) deste excerto da historieta “Reencontro inesperado”, que foi coligida ao lado de mais dez histórias de almanaque de Hebel no artigo mencionado.

Em outros casos, porém, a liberdade artística ilimitada se baseia em uma linguagem que se deixa perceber por vezes ditatorial, tal como a de Goethe na segunda parte do *Fausto*. Evidentemente, tal autoridade não vem do mero dialeto, que permanece sempre irrelevante e tendencioso, mas provavelmente a partir do confronto crítico e tenso do alto alemão adotado com o alemão falado, em que então para o vocabulário (como em Lutero) as preciosidades enfunadas saem como farpas de madeira.

Então ele (o homem sensato) segue seu caminho com bons pensamentos [...] e não consegue contemplar suficientemente as árvores floridas e os prados coloridos ao redor.

Tais frases – e a “Caixinha de tesouros” é uma sequência quase ininterrupta delas – deveriam finalmente ser disponibilizadas em uma edição completa, concebida não como pretexto para ilustrações da moda e nem como um prêmio escolar barato, mas sim como um monumento da prosa alemã. Tal edição, que ainda não temos, seria uma obra de referência para consulta. Pois é peculiar a essas histórias de Hebel, e um selo de sua perfeição, a rapidez com que elas são esquecidas. Se se acredita já ter uma em mente, a variedade desses textos sempre provará o contrário. Uma conclusão que nunca se “conhece”, mas que no máximo pode ser decorada, não raro compensa tudo o que a precedeu.

Esta pecinha é ainda um legado do ajudante, que está agora em Dresden. Ele não enviou de Dresden uma bela cabeça de cachimbo para o amigo da família como lembrança, e há um garoto alado nela e uma menina, e eles fazem algo juntos. Mas ele há de retornar, o ajudante.

Assim termina “O teste” (*Die Probe*). A quem Hebel não olha profundamente a partir de tais frases, também não o encontrará em outras. Intrometer-se na história como aquele que a conta (*Erzähler*) não é a maneira dos romances. É, antes, aquela do imortal [Laurence] Sterne.\*

*Original:* BENJAMIN, Walter. “Johann Peter Hebel <1>. Zu seinem 100. Todestage”. In:– *Gesammelte Schriften. Bd. II-1*. Hrsg. R. Tiedemann und H. Schweppenhäuser. *Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977, p. 277-80. Consultou-se, também, as traduções para a língua inglesa, “Johann Peter Hebel (I). On the Centenary of His Death”, em SW 1: 428-31, bem como para a língua italiana, “Johann Peter Hebel <1>. Nel centenario della morte”, em OC II: 466-9.*

*Recebido 24/03/2021*

*Publicado 15/02/2022*

---

\* Laurence Sterne (1713-1768) foi um escritor irlandês, famoso pelo romance *A vida e as opiniões de Tristram Shandy*.

## J. P. HEBEL <2>

### Um enigma ilustrado a propósito do centenário de sua morte\*

Walter Benjamin

*Tradução de Fernando Araújo Del Lama*

Nem todo escritor se beneficia de ser recomendado. Já é difícil falar de Hebel, recomendá-lo é desnecessário, e colocá-lo diante do povo, como de costume, é reprovável. Ele nunca se encaixará na linha de frente dos granadeiros culturais que o cate-drático alemão deixa exercitar diante de seus pupilos. Hebel é moralista: mas não da moral que se ocupa dos negócios da grande burguesia. Nisso – que já no tempo de Hebel queria emergir – ele fica de olho – bem de perto, precisamente porque ele compreende a moral dos negócios. Como um perito juramentado de uma época que trabalhava com enorme risco comercial, ele estimou o valor dessa moral. Pois testemunhou a Revolução Francesa como um homem maduro e entendeu o que acontece quando um povo revoga *en masse* o crédito de sua classe dominante. Ele quis manter boas relações com esta classe dominante em seus melhores representantes, a pequena burguesia comercialmente mais sólida;

---

\* O número entre “cotovelos” após o título foi adicionado pelos editores da GS, a fim de facilitar a diferenciação entre os textos de Benjamin sobre Hebel.

por esta mesma razão, ele quis ensinar a ela a correta contabilidade, a única que leva à bem-aventurança. “Com Deus” deveria estampar a edição in-fólio de seu *Amigo da família renana (Rheinischen Hausfreundes)*, no qual estão contidos exemplos escolares passados a limpo e separados em categorias de tal cálculo devoto ao uso doméstico. Método das partidas dobradas – ele acerta sempre. Crédito: a vida cotidiana grosseira e burguesa, a posse dos minutos que rendem juros, o capital acumulado pelo trabalho e astúcia. E débito: o dia do acordo, aquele que não é contado em minutos e que não tem nem glória e nem condenação a dar, mas sim o sossego íntimo e acolhedor que confere a justa segurança histórica aos mais privados, como uma lareira a um ambiente e um lugar a uma geração com o decorrer do tempo. Tanto à direita quanto à esquerda, Hebel tem inevitavelmente esse um e mesmo balanço, sua moral não prega, ela é a linha reta traçada com a régua longa. Uma vez lá, pode-se apagar a luz e dormir o sono dos justos. Nenhum autor poderia ser menos “espirituoso” em histórias curtas. A situação atual de todas as suas criaturas não é compreendida entre os anos 1760-1826; o tempo em que seus humanos vivem não é contabilizado em anos. Pois tal como a teologia (Hebel foi teólogo e até mesmo membro de uma comissão eclesial) pensa a história sempre em gerações, assim também Hebel vê no que sua gente faz e deixa de fazer a geração que luta em todas as crises que eclodiram como a Revolução na França em 1789. Voltaire, Condorcet e Diderot\* sobrevivem em seus malandros e marginais, a indizível e vil sensatez de seus judeus não tem

---

\* Voltaire (1694-1778), pseudônimo de François-Marie Arouet, Marie Jean Antoine Nicolas de Caritat, Marquês de Condorcet (1743-1794) e Denis Diderot (1713-1784) foram três expoentes do iluminismo francês.

mais do Talmud do que do espírito de Moses Hess,<sup>\*\*</sup> o precursor um tanto quanto tardio dos socialistas. O conspiratório não era estranho a Hebel. Evidentemente, a sociedade secreta desse homem, cuja vida simples, mas informal não se pode visualizar profundamente, não era política. Em vez disso, seu “culto a Proteu”,<sup>\*\*\*</sup> seu “Belchismo”,<sup>\*\*\*\*</sup> toda a mística natural permeada pela escrita secreta infantil, cujo altar era o Belchen<sup>\*\*\*\*\*</sup> e cujo sacerdote era o próprio “Pseudo-rei Pedro I de Assmannshausen”, lembram as frivolidades dos rosacrucianistas pré-revolucionários. Que Hebel não fosse capaz de dizer e pensar coisas grandes e importante senão imprópriamente – essa força de suas histórias torna fraca as coisas sem plano em sua vida. Afinal, até mesmo *As contribuições para o almanaque do “Amigo da família renana”* surgiram da coerção externa, sobre a qual ele resmungou muito. Mas isso não o impediu de preservar o sentido correto do grande e do pequeno, e, embora ele nunca tenha sido capaz de se exprimir senão da maneira mais profunda e ao mesmo tempo entrecruzada e entrelaçada uma com a outra, seu realismo sempre foi suficientemente forte para o proteger do misticismo do pequeno e do mesquinho, que por vezes se tornou um perigo em [Adalbert]

<sup>\*\*</sup> Moses Hess (1812-1875) foi um filósofo alemão de origem judaica e um dos ideólogos do sionismo socialista.

<sup>\*\*\*</sup> Relativo à figura mitológica grega Proteu, deidade marinha que tinha o dom de revelar o destino.

<sup>\*\*\*\*</sup> Criado pelo próprio Hebel, o termo “Belchismo” refere-se à crença em misteriosas constelações resultantes da localização geográfica das montanhas de Belchen, situadas na Floresta Negra, no estado de Baden-Württemberg: no dia que marca o início de cada uma das quatro estações, a posição do sol se relaciona à posição de quatro das cinco montanhas de Belchen.

<sup>\*\*\*\*\*</sup> Segundo nota da tradução italiana, Benjamin alude aqui à sociedade secreta fundada em Lörrach (“Proteopolis”) no final de 1789 por Hebel e seu círculo de amigos com o propósito de venerar Proteu como Deus da mudança e do nada.

Stifter.\* Ele amava como escritores não só Jean Paul,\*\* com quem é linguisticamente aparentado, mas também Goethe, por outro lado, não era capaz de ler Schiller. Este autor dócil de poemas dialetais e catecismos mostra ainda hoje aos catedráticos sua faceta diabólica (*Pferdefuß*\*\*\* em “Andreas Hofer”, que fica no fim da *Caixinha de tesouros* de 1827. Ali, o empreendimento da revolta tirolesa é dis-cutido de forma dura, até mesmo sarcástica. O historiador literário alemão sente algo do desconforto que a falta de confiabilidade patriótica de Goethe continua a lhe causar após a derrota na Guerra mundial. Na verdade, em ambos fala apenas o respeito inabalável pelas relações de poder, perante as quais a ingenuidade acerca de assuntos morais é a menos permitida. De acordo com esse princípio, Hebel contabilizou a vida cotidiana no povoado e na cidade. Em suas transações comerciais, só há pagamento em dinheiro. Ele não reconhece o cheque da ironia, mas seu humor cobra as maiores somas em centavos. Ele não é exemplar nem no conjunto de seu livro de histórias e nem inesgotável em cada um de seus detalhes. Se uma de suas narrações (*Erzählungen*) começa do seguinte modo: “É sabido que há muito tempo um antigo pre-feito de Wasselnheim queixou-se certa vez à sua esposa que seu francês quase o levou ao túmulo”, então, com esta única expressão “é sabido”, é preenchido o fosso estéril que separa a história e a vida privada em cada filisteu. Para não mencionar o excuro his-

---

\* Adalbert Stifter (1805-1868) foi um escritor austríaco, em cujos romances se exalta a vida simples e a natureza.

\*\* Jean Paul (1763-1825), pseudônimo de Johann Paul Friedrich Richter, foi um escritor romântico alemão, conhecido pelo tom humorístico de seus romances.

\*\*\* Literalmente, “pata de cavalo”. Essa figura de linguagem (*Redewendung*) alude, pelo menos desde o Fausto, de Goethe, ao diabo; mais precisamente, tal expressão significa algo malicioso escondido sob uma aparência inofensiva.

tórico de vinte linhas em “Reencontro inesperado” (*Unverhofften Wiedersehen*) – o Hebel todo *in nuce*. A capacidade de Hebel é inconspícua, como os imperadores e vitórias nessas vinte linhas da história mundial. É difícil acessá-lo até no linguístico, sobre cujo poder (*Gewalt*) o dialeto repousa mais como um véu misterioso, já que nele repousa como uma fonte de energia. A pequenez de sua obra é a garantia de sua sobrevivência, mesmo no ambiente mais estranho. Um báculo episcopal que é herdado nas propriedades familiares pode um dia ser descartado, tanto quanto o barrete jacobino, como uma lembrança vergonhosa. Mas não aquele broche inconspícuo, em que o báculo episcopal e o barrete jacobino se cruzam.

*Original:* BENJAMIN, W. “J. P. Hebel <2>. Ein Bilderrätsel zum 100. Todestage des Dichters”. In: BENJAMIN, W. *Gesammelte Schriften. Bd. II-I.* Hrsg. R. Tiedemann und H. Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977, p. 280-3. Consultou-se, também, as traduções para a língua inglesa, “Johann Peter Hebel (II). A Picture Puzzle for the Centenary of His Death”, em *SW 1: 428-31*, bem como para a língua italiana, “Johann Peter Hebel <2>. Un rebus per il centenario della morte del poeta”, em *OC II: 466-9*.

*Recebido 24/03/2021*

*Publicado 15/02/2022*

# HEBEL DEFENDIDO CONTRA UM NOVO ADMIRADOR<sup>1</sup>

Walter Benjamin

Tradução de Fernando Araújo Del Lama

Mais uma vez adicionou-se aqui um zero a Hebel. E tão pouco o valor inestimável deste autor é atingido por isso que se pode tomar esta ocasião para novamente levá-lo em conta de perto. O que se faz necessário a esse escritor certamente não é o séquito dos zeros, mas do um que de uma vez por todas fixou o primeiro lugar com traços marcantes. As abordagens feitas a esta questão permaneceram desconhecidas para o seu novo admirador. Mais uma vez, ele modela o bibelô “Hebel” na doçura de [Bertel] Thorvaldsen\* a partir do molde de biscoitos da formação geral (*allgemeiner Bildung*).

É um tema importante para popularizar. Não menos por causa do duplo sentido que está implícito aí. Pois tanto a formação (*Bildung*) como um meio para a libertação dos dominados

---

1 [Resenha de] BÜRGISSER, H. *Johann Peter Hebel als Erzähler*. Horgen-Zürich, Leipzig: Verlag der Münster-Presse, 1929. 113 p. (Wege zur Dichtung, 7).

\* Bertel Thorvaldsen (1770-1844) foi um escultor dinamarquês, representante do período neoclássico.

quanto a “formação” como um instrumento dos opressores insistem na compreensibilidade geral, no popular. Atualmente, a formação “geral”, que surgiu há cem anos como palavra de ordem cultural da classe dominante, tem se tornado um instrumento de dominação, não de libertação. A libertação toma como ponto de partida precisamente a especialização e conduz ao desmascaramento deste programa cultural. Mas quando finalmente a oposição entre as duas funções possíveis do conhecimento popular – a opressiva e a libertadora – se tornar demasiadamente evidente, então este instrumento de dominação perderá o seu valor. E essa é a assinatura do momento presente. Vemos a formação geral passar das mãos dos verdadeiros detentores do poder para as dos pseudo-senhores, que tomam o seu prazer fetichista no instrumento enquanto tal, sem reconhecer quão inadequado ele começa a se tornar. Porém, os reais detentores do poder estão cientes disso e abandonam, sem remorso, a ferramenta desgastada para esses outros. Ninguém estaria mais próximo de compreender estas condições do que uma elite acadêmica. E mais triste é se deparar com a formação geral na fase de sua completa dissolução, precisamente numa série de escritos acadêmicos.

É a fé cega nas oposições que caracteriza esta fase. O otimismo idealista da áurea mediania pode ser a expressão imediata do filisteu culto – teoricamente, ela somente é mediada e o efeito da rigidez desesperada em que o pobre homem cai, quando ele se vê rodeado por oposições rígidas, como que firmadas por Deus. Não se pode ser mais parcial do que este novo intérprete de Hebel ao acreditar nestes ídolos. O épico e o lírico, o homem poético e o racional, o politeísta e o panteísta – é como a luta

entre tais colossos que a investigação tem lugar, e o autor fica no meio e regozija-se com o ruído, imperturbado por qualquer articulação dialética, de suas colisões. Pois a formação geral não é apenas a combinação de fatos e frases vazias como é desmascarada no melhor dos casos, mas é sobretudo uma preocupação arrogante com “oposições”, “visões de mundo”, problemas”, que querem ser constantemente “avaliados”, “sopesados”, “apreciados”. A admiração convencional, que aqui é dedicada a Hebel, custa caro o suficiente junto com as censuras que dizem respeito “à sensatez achatada do Esclarecimento [*Aufklärung*]”, “aos artifícios convencionais da poesia anacreôntica”, “às analogias violentas da vida humana e natural, que frequentemente encontramos em [Nikolaus] Lenau, [Heinrich] Heine, [Friedrich] Rückert...”<sup>\*</sup> e aquilo que está senão em uma sequência inaceitável. A ignorância e a estreiteza de visão têm um orçamento demasiado limitado para gastar os centavos dos seus elogios em troca de outra coisa a não ser uma proteção pura e simples pela censura.

Os erros e derrapagens da obra são diferentes dos encontrados em trabalhos filológicos de estilo antigo. A palavra tem a nova direção sintética da história da literatura e a ela também pertence a obra, de acordo com o seu programa promissor – que quer lidar com a visão de mundo, com a vivência material (*Stoff-erlebnis*) e com a forma interior e exterior em Hebel. No entanto, tal direção se recusará, com razão, a assumir responsabilidade por um trabalho que em todo caso deixa de lado seus

---

\* Nikolaus Lenau (1802-1850), Heinrich Heine (1797-1856) e Friedrich Rückert (1788-1866) foram três grandes poetas da língua alemã.

objetos mais importantes. Se, em vez de pôr em prática uma análise da piedade hebeliana com todas as categorias da história da religião, tivesse tratado antes de sua riqueza de formas, então ela teria se deparado por si só com os conceitos apropriados: não os conceitos da história da religião, mas os teológicos. De fato, a obra de Hebel é sobretudo edificante; é de um alcance mundano e espiritual como provavelmente nenhuma outra do gênero desde o fim da Idade Média. O justo – no sentido bíblico da palavra – é o protagonista em seu *theatrum mundi*. Mas porque ninguém está realmente à altura, ela vagueia de um lado para o outro, ora é o judeu avarento, ora é o vadio, ora é o imbecil, que entram em cena para desempenhar esse papel. A performance itinerante é sempre uma improvisação moral. Hebel é um casuísta, como todos os verdadeiros moralistas. Ele não se solidariza com princípio algum por qualquer que for o preço, mas também não rejeita nenhum, pois cada um deles se torna ao menos uma vez um instrumento dos justos, sobretudo a astúcia rebelde de seus vadios e marginais. Ocorre com sua crônica da vida cotidiana como com a de seu período mais longo, os cinquenta anos em “Reencontro inesperado” (*Unverhofften Wiedersehen*): ela é lida como a partir dos autos do juízo final. Só que falta tudo o que é escatológico. Para ele, toda a terra se tornou a Rodas\* da justiça divina.

É preparação militar em sua moralidade. Seu lema é sempre surpreendente, como se quisesse assegurar a cadeia de comando dos devotos. O quão completamente enviesado ele não está em relação a tudo, por exemplo no “Teste” (*Probe*), a que o

---

\* Referência à ilha grega de Rodas, onde esteve situada a estátua do Colosso.

leitor possa esperar. Não parece ser o mais importante ter de provar-se incorruptível, pois nunca se sabe com quem se está lidando. Não, parece mesmo que Hebel não quer mais se envolver com a esfera dos cidadãos honrados (entre os quais, portanto, deve haver algo como informantes) e assume o lado dos vigaristas, no momento em que tudo gira em torno do “tomar nota”: “Quanto mais a fundo em um tal lugar, onde um arqueiro não pode confiar no outro, pode não ser bom ser um vigarista”.

É como se o poeta só quisesse retirar a moral honesta do bedelho, onde ela está pendurada como um chapéu-coco, e então colocá-lo na cabeça, de lado, com um gesto incrivelmente atrevido, e deixar o local com a porta batendo. Desta forma, por outros meios, ele faz da moral, que é um corpo estranho para o escritor de histórias mediano, uma continuação do épico. Reconhece-se isso quando se pensa na relação de Hebel com o mundo judeu. Sua vivacidade e profundidade só podem ser comparadas com as de Lichtenberg.\* Vai desde a ligação mais próxima e calorosa com o proletariado judeu até às tão horríveis evocações da atmosfera do pogrom, como em “Dois postilhões” (*Zwei Postillonen*).\*\* Esta afinidade com os judeus culmina no impacto hagádico de suas narrações (*Erzählungen*), que não capitulam diante da moral, mas a atingem com força e astúcia para o bem do épico.

---

\* Georg Christoph Lichtenberg (1742-1799) foi um cientista e escritor alemão, cujos *Aforismos* contém reflexões sobre os judeus. A título de curiosidade, Lichtenberg é uma das personagens de uma de suas *peças radiofônicas*, intitulada *Lichtenberg. Uma seção transversal* (*Lichtenberg. Ein Querschnitt*) (ver GSIV-2: 696-720 / WuN 9.1: 126-61).

\*\* O nome correto da historieta de Hebel é “Die zwei Postillione” (ver HEBEL, J. P. *Schatzkästlein des rheinischen Hausfreundes*. Hrsg. W. Theiss. Stuttgart: Reclam, 1981, p. 272-4).

Se as histórias de Hebel são um mecanismo de relógio, então o “tomar nota” é seu ponteiro. Mas se tem que ser capaz de ler justamente este pequeno relógio do mundo. O seu novo interessado se coloca a frente com um desamparo que se revela em sua linguagem, bem como em sua pobreza de pensamentos. Basicamente, ambos são a mesma coisa. Isso se comprova em sua seção sobre o estilo épico de Hebel, na qual as palavras “tranquilo” (*behaglich*) e “tranquilidade” (*Behaglichkeit*) se repetem oito vezes em duas páginas, para não mencionar seus sinônimos “aconchegante” (*gemütlich*) e “calmo” (*beschaulich*). A investigação culmina no ponto de vista que se elucida a partir deste vocabulário.

Caminhos para a poesia? Não! A estrada poeirenta que vai de ícone do seminário ao gênio do doutor.

*Original: BENJAMIN, W. “Hebel gegen einen neuen Bewunderer verteidigt”. In: BENJAMIN, W. Gesammelte Schriften. Bd. III. Hrsg. Hella Tiedemann-Bartels. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991, p. 203-6; WuN 13.1: 221-5. Consultou-se, também, a tradução para a língua italiana, “Hebel difeso contro un nuovo ammiratore”, em OC III: 358-61.*

*Recebido 24/03/2021*

*Publicado 15/02/2022*

# <JOHANN PETER HEBEL 3>\*

Walter Benjamin

*Tradução de Fernando Araújo Del Lama*

Caríssimos, ao lerem o jornal, talvez alguma vez lhes tenha ocorrido de parar diante de uma notícia particularmente impressionante ou aventureira, por exemplo, a reportagem de um incêndio ou de um latrocínio. E talvez tenham então feito, sem dúvida, algo muito estranho ao tentarem imaginar o fato *mais de perto*, tenham notado ou não. Isto é, os senhores fizeram uma espécie de fotomontagem, na qual sem notar deixaram o cenário que tinham em mente – o fato talvez tenha ocorrido em Goldap ou em Tilsit e os senhores não conhecem a cidade – se inundar de elementos de um cenário que lhes é de confiança – e vale dizer um cenário determinado, não Frankfurt, mas sua casa ou sua sala em Frankfurt. Casa ou sala que, de repente, parecem ter sido transportadas para Tilsit ou Goldap. Mas na realidade aconteceu aqui o oposto; Tilsit ou Goldap é que foram transportadas para sua sala. E os

---

\* Os “cotovelos” que envolvem o título indicam que ele não foi dado pelo próprio Benjamin, mas conferido pelos editores da GS; os editores da WuN, no comentário que acompanha o volume 9, dedicado aos trabalhos de Benjamin relacionados ao rádio, afirmam que “o título ‘Joh. Peter Hebel’ pode ser lido em uma impressão do programa correspondente do jornal do *Südwestdeutschen Rundfunk*” e que “Benjamin proferiu a palestra no contexto de uma ‘Hora do livro’” (KÜPPER, T., NOWAK, A. “Kommentar”. In: *WuN* 9.2: 458).

senhores ainda deram um passo adiante. Depois de conseguirem o “aqui”, seguiram para a implementação do “agora”. Talvez a notícia fosse de 11 de setembro, mas só a leram no dia 15. Mas, agora, querendo apreender e fazer parte do ocorrido, os senhores não voltaram quatro dias no tempo, mas, pelo contrário, imaginaram: isso está acontecendo agora, neste momento, e na minha sala de estar. De repente, os senhores deram um “aqui e agora” ao caso sensacionalista, abstrato e aleatório. Tornaram-no concreto e é imprevisível aonde podem levá-lo.

Porém, o efeito seria ainda mais imprevisível se alguém conseguisse dotar não histórias sensacionalistas arbitrárias, mas incidentes elucidativos e importantes com esta evidência do aqui e agora. E se este agora fosse historicamente significativo e este aqui, florescente e realizado! Se imaginarmos todas estas premissas cumpridas ao máximo, temos a poesia em prosa de Johann Peter Hebel. Toda a preocupação com este grande e nunca suficientemente valorizado mestre resume-se em presentificá-lo para nós mesmos como esse presentificador inigualável. Certamente o presentificador não apenas de histórias de assaltantes, dramas familiares, naufrágios ou assuntos de faroeste (embora, entre outras coisas, também disso), mas das forças supremas de sua região e de sua época. Assim, já está enunciado que esta obra mais simples e modesta (que ainda representa tão justamente para os filólogos o tipo de “arte popular” (*Volkskunst*), pela qual compreendem na verdade a escrita empobrecida), eu afirmo, que esta obra paira sobre um grande abismo pela força de mil pequenas asas invisíveis. O abismo entre a época de Hebel e sua região. Contemporâneo da Grande Revolução francesa e tomado por

todas as forças espirituais da época da forma mais decisiva e radical, ele no entanto permaneceu sempre um habitante de cidade pequena do sul da Alemanha que, como solteiro reservado e pregador da corte do Grão-Duque de Baden, não só tinha de viver nas circunstâncias mais restritas mas também tinha de defendê-las. Que Hebel não fosse capaz de dizer e pensar coisas grandes e importante senão impropriamente – essa força de suas histórias torna fraca as coisas sem plano em sua vida. Afinal, até mesmo *As contribuições para o almanaque do amigo da família renana* surgiram da coerção externa, sobre a qual ele resmungou muito. Mas isso não o impediu de preservar o sentido correto do grande e do pequeno, e, embora ele nunca tenha sido capaz de se exprimir senão da maneira mais profunda e ao mesmo tempo entrecruzada e entrelaçada, seu realismo sempre foi suficientemente forte para o proteger do misticismo do pequeno e do mesquinho, que por vezes se tornou um perigo em [Adalbert] Stifter.\*

O que o preveniu do misticismo foi precisamente a sua educação teológica. Ela manifesta-se em toda a sua obra; é edificante desde a base; e é de um alcance mundano e espiritual como provavelmente nenhuma outra do gênero desde o fim da Idade Média. Pois, em que Hebel apoia sua edificação? No Esclarecimento (*Aufklärung*) e na Grande Revolução. Não em suas assim chamadas ideias, mas em suas situações e tipos, no cosmopolita, no abade esclarecido, no vadio e no filantropo. O modo como as atitudes teológicas e cosmopolitas se interpenetram aqui é o segredo da concretude incomparável que é o núcleo de sua pro-

---

\* Adalbert Stifter (1805-1868) foi um escritor austríaco, em cujos romances se exalta a vida simples.

dução. A situação atual de suas criaturas, por exemplo, não é compreendida entre os anos 1760-1826 (nos quais sua própria vida decorreu), o tempo em que vivem não é contabilizado em anos. Porque a teologia pensa a história sempre em termos de gerações, também Hebel vê no que sua pequena população faz e deixa de fazer as gerações que lutam em todas as crises que eclodiram com a Revolução de 89. A vida e a morte de gerações inteiras soam no ritmo das frases que, em “Reencontro inesperado” (*Unverhofften Wiedersehen*), preenchem o período de cinquenta anos em que a noiva sofre pela morte de seu incidentado amado, o mineiro.

Nesse meio-tempo, a cidade de Lisboa, em Portugal, foi destruída por um terremoto e a Guerra dos Sete Anos chegou ao fim e o imperador Francisco I morreu e os jesuítas foram suspensos e a Polônia, dividida e a imperatriz Maria Teresa morreu e Struensee foi executado, a América se libertou e as forças combinadas da França e da Espanha não puderam conquistar Gibraltar. Os turcos encurralaram o general Stein na Cova dos Veteranos, na Hungria e o imperador José morreu também. O rei Gustavo da Suécia conquistou a Finlândia aos russos e a Revolução Francesa e a grande guerra irromperam e o imperador Leopoldo II desceu também ao túmulo. Napoleão conquistou a Prússia e os ingleses bombardearam Copenhague e os lavradores semeavam e ceifavam. O moleiro moía, os ferreiros martelavam e os mineiros cavavam atrás dos veios de metal em sua oficina subterrânea. Mas no ano de 1809, quando os mineiros de Falun...

---

\* Reproduz-se, aqui a primorosa tradução de Samuel Titan Jr. (TITAN JUNIOR, S. V. “O Almanaque de Johann Peter Hebel”. *Novos Estudos CEBRAP* 72, p. 239, 2005) deste excerto da historieta *Reencontro inesperado*, que foi coligida ao lado de mais dez histórias de almanaque de Hebel.

Ao apresentar o decurso de 50 tristes anos, é quase em si uma queixa, mas sobre o curso do mundo (*Weltlauf*), como por vezes os cronistas medievais o antepunham em seus livros. Pois essa que, a partir destas frases, nos confronta, não é a intenção (*Gesinnung*) do historiador, mas a do cronista. O historiador se atém à “história universal” (*Weltgeschichte*), já o cronista, ao curso do mundo. O primeiro tem a ver com a rede de acontecimentos imprevisivelmente enlaçada por causa e efeito – e tudo o que ele estudou ou descobriu (*erfuhr*) é apenas um ínfimo nó nesta rede; o segundo tem a ver com o pequeno e estreitamente limitado acontecimento de sua cidade ou região – mas para ele isso não é uma fração ou elemento do universal, mas algo diferente e muito mais. Pois o cronista autêntico registra, com sua crônica, simultaneamente sua parábola do curso do mundo. É a antiga relação entre micro e macrocosmo que se reflete na história da cidade e no curso do mundo.

Hebel começa uma de suas histórias do seguinte modo: “É sabido que há muito tempo um antigo prefeito de Wasselnheim queixou-se certa vez à sua esposa que seu francês quase o levou ao túmulo”, neste “é sabido” ressoam ironicamente todas as correspondências entre o curso do mundo e a fofoca da cidade. A estreiteza de seus palcos em Baden é igualmente irônica e distante da presunção provinciana, pois no centro do globo terrestre de Hebel, onde se situam Segringen, Brassenheim e Tuttlingen, formam o horizonte Moscou e Amsterdã, Jerusalém e Milão. É isto o que se passa em toda a arte popular (*Volkskunst*) autêntica e espontânea: ela fala sobre o exótico e o monstruoso com o mesmo amor e na mesma língua com que fala sobre os

próprios assuntos domésticos. Daí o poderoso “aqui” de seus palcos. O olhar arregalado e observador deste eclesiástico e filantropo inclui até mesmo a própria estrutura do universo na economia do povoado e Hebel trata de planetas, luas e cometas não como professor, mas como cronista. Por exemplo, se diz o seguinte sobre a Lua (que de repente se coloca diante de alguém como uma paisagem, como numa pintura famosa de [Marc] Chagall):\*

Lá em um lugar o dia dura tanto quanto cerca de 2 das nossas semanas e a noite é igualmente longa, de modo que um vigia noturno deve tomar muito cuidado para não perder a noção das horas quando começar a bater 223 ou 309.

Depois de frases como estas, não é difícil adivinhar que Jean Paul\*\* era o escritor favorito deste homem. É evidente que tais homens – empiristas sutis segundo a expressão de Goethe, porque para eles tudo o que é factual já era uma teoria, sobretudo o fato anedótico, criminoso, gracioso e local como tal era um teorema moral – tinham um contato altamente intenso, excêntrico e imprevisível com toda a amplitude da realidade. Em *Levana*, Jean Paul recomenda aguardente aos bebês e exige que eles recebam cerveja. Porém, de modo muito mais incontestável, Hebel insere crimes, falcatruas e travessuras juvenis no material da concepção (*Anschauunsmaterial*) de seus almanaques popula-

---

\* Marc Chagall (1887-1985) foi um pintor franco-russo de origem judaica, famoso pelo uso da Lua cheia em suas pinturas, que desempenha um papel menos de corpo celestial ou fonte de luz do que como símbolo.

\*\* Jean Paul (1763-1825), pseudônimo de Johann Paul Friedrich Richter, foi um escritor romântico alemão, conhecido pelo tom humorístico de seus romances.

res. Mas, ao mesmo tempo, Voltaire, Condorcet e Diderot\* sobrevivem em seus malandros e marginais e a indizível e vil sensatez de seus judeus não tem mais do Talmud do que do espírito de Moses Hess,\*\* o precursor um tanto quanto tardio dos socialistas. Hebel criou inúmeras histórias de vigaristas a partir de fontes antigas; mas o temperamento patife e vagabundo de Zundelfrieder, de Heiner e de Dieter, o ruivo, partiu dele mesmo. Quando menino, ele era famoso por suas travessuras, e conta-se o seguinte a respeito do Hebel adulto: [Franz Joseph] Gall,\*\* o célebre fundador da frenologia, foi certa vez à Baden; lá, apresentaram Hebel a ele e pediram um parecer. Porém, Gall, ao tatear, deixou soar sob um indistinto murmúrio apenas as palavras “extraordinariamente, vigorosamente formado”. E o próprio Hebel, questionando: “O órgão do ladrão?”

As grandes litografias que Dambacher acrescentou no ano de 1842 a uma edição das *Anedotas do amigo da família renana* (*Schwänke des rheinischen Hausfreundes*) mostram quanto o demoníaco se envolve nessa essência cômica da anedota hebeliana. Essas ilustrações extremamente fortes são, por assim dizer, sinais na trilha secreta e dos jogos de azar ao longo da qual os malandros mais soalheiros de Hebel entram em contato com os

---

\* Voltaire (1694-1778), pseudônimo de François-Marie Arouet, Marie Jean Antoine Nicolas de Caritat, Marquês de Condorcet (1743-1794) e Denis Diderot (1713-1784) foram três expoentes do iluminismo francês.

\*\* Moses Hess (1812-1875) foi um filósofo alemão de origem judaica e um dos ideólogos do sionismo socialista.

\*\*\* Franz Joseph Gall (1758-1828) foi um médico e anatomista alemão, célebre pelo desenvolvimento da frenologia. Esta teoria pseudocientífica reivindicava a capacidade de determinar o caráter, características da personalidade e grau de criminalidade pelo exame do formato do crânio.

pequeno-burgueses mais sombrios e terríveis do “Wozzeck”, de [Georg] Büchner.\* Pois este pastor, que sabia como descrever o agir como nenhum outro dentre os escritores alemães e como transitar entre todos os registros da mais baixa pechincha até a generosidade da dádiva não seria o homem a ignorar o demoníaco na vida profissional burguesa. Ele quis manter boas relações com esta classe dominante em seus melhores representantes, a pequena burguesia comercialmente mais sólida; por esta mesma razão, ele quis ensinar a ela a correta contabilidade, a única que leva à bem-aventurança. Método das partidas dobradas, e ele acerta sempre: crédito, a vida cotidiana grosseira e burguesa, a posse dos minutos que rendem juros, o capital acumulado pelo trabalho e astúcia. E débito: a moral. A comercial, a privada, aquela do general e do pai de família, do ladrão e do assaltado, do vencedor e do vencido. Não há situação tão desesperada e rejeitada que não deixe a virtude se enraizar nela, mas ela não deve ser perdida de vista por causa de disfarces. É por isso que aqui a moral nunca surge no lugar onde se espera convencionalmente. Todos sabem como o aprendiz de barbeiro de Segringen se atreve a aparar a barba do “forasteiro do exército” porque ninguém mais tem coragem. “Mas se me cortares, esfaqueio-te até a morte”, diz o soldado. E, então, o aprendiz esclarece no final:

Bondoso senhor, não me teríeis apunhalado, em vez disso, caso tivésseis vos sacudido e eu vos tivesse cor-

---

\* Georg Büchner (1813-1837) foi um escritor e dramaturgo alemão. Sua última peça, *Woyzeck*, denuncia a exploração social da pequena burguesia em relação aos mais desfavorecidos nos mais diversos âmbitos. Ela inspirou a primeira ópera do compositor austríaco Alban Berg, cuja estreia se deu em 1925, sob o título de *Wozzeck*, o que explica a confusão de Benjamin entre o nome da peça e da ópera.

tado o rosto, eu teria me antecipado, rasgado vossa garganta em um instante e pulado para bem longe.

É assim que são as histórias de Hebel. Todas elas têm um fundo falso. Se por cima parecem assassinato e homicídio, roubo e maldição, por baixo são paciência, sabedoria e humanidade.

Desta forma, por outros meios, ele faz da moral, que é um corpo estranho para o escritor de histórias mediano, uma continuação do épico. E, ao dissolver o *ethos* em questões de tato, é precisamente aqui que a concretude se torna a mais enérgica. Para ele, o aqui e agora da virtude não é uma ação derivada de máximas, mas sim uma presença de espírito. Moral – tal seria a definição de Hebel – é uma ação cuja máxima está escondida. Não ocultada ou acobertada como mercadoria roubada, mas escondida na terra como ouro. Portanto, sua moral está ligada a situações em que as pessoas a descobrem pela primeira vez. E assim se assemelha à piedade, que nunca pode tornar-se abstrata, mas divide toda a vida em situações que a servem. As imagens votivas das igrejas bávaras ou do sul da Itália estão repletas de tais situações críticas que se imprimiram de forma indelével nos devotos. Embaixo, miséria terrena e perigo; acima, entronizada nas nuvens, a Virgem Maria. Assim também é com Hebel. Embaixo, se quisermos, acontece o prosaico, o verdadeiro, o claro e o correto. Porém, acima flutua pelo teto a divindade da revolução francesa, sobrenaturalmente, tal como a Virgem Maria. E é por isso que as suas histórias são tão incorruptíveis. Elas são as pinturas votivas que o Esclarecimento doou ao templo da deusa da Razão.

*Original:* BENJAMIN, W. “<Johann Peter Hebel 3>”. In: BENJAMIN, W. *Gesammelte Schriften. Bd. II-2. Hrsg. R. Tiedemann und H. Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977, p. 635-40; WnN 9.1: 420-6. Consultou-se, também, a tradução para a língua italiana, “Johann Peter Hebel [3]”, em OC III: 362-67, a tradução para a língua francesa, “Johann Peter Hebel”, em Œ II: 162-9, bem como uma tradução recente para a língua inglesa, BENJAMIN, W. “Johann Peter Hebel”. In: BENJAMIN, W. *The Storyteller Essays. Ed. S. Titan; trad. T. Lewis. New York: New York Review Books, 2019, p. 3-8.**

*Recebido 24/03/2021*

*Publicado 15/02/2022*

# CAIXINHA DE TESOUROS DO AMIGO DA FAMÍLIA RENANA, DE J. P. HEBEL

Walter Benjamin

*Tradução de Fernando Araújo Del Lama*

O livro, cuja prosa é tão original quanto elaborada, cuja atitude é tão elegante quanto sensata, cujo conteúdo é tão global quanto tangível, revela hoje seu valor inestimável a partir de um novo ângulo. Em dias nos quais uma breve camaradagem vale mais do que amizades duradouras valiam antes, nos quais a desconfiança tornou-se uma virtude necessária e a confiabilidade a mais alta delas, Hebel mostra melhor do que ninguém com o que se deve medir. A saber, de acordo com a medida do humor, isto é, de acordo com a justiça aplicada (*angewandten Gerechtigkeit*). Em Hebel, a humanidade “pura” do Esclarecimento (*Aufklärung*) se saturou de humor. Bem-aventurados aqueles entre suas criaturas que o despertam nele – sejam eles vigaristas ou judeus; e ai daqueles perante os quais ele lhe falha. Hebel foi um dos maiores moralistas de todos os tempos. Sua moral é a continuação da narração (*Erzählung*) por outros meios; seu humor é execução sem

juízo: justiça aplicada que mede aqueles com uma medida completamente diferente das outras. Não foi por acaso que a *Caixa de tesouros* era um dos livros favoritos de Franz Kafka.

*Original:* BENJAMIN, W. “J. P. Hebels Schatzkästlein des rheinischen Hausfreundes”. In: BENJAMIN, W. *Gesammelte Schriften. Bd. II-2. Hrsg. R. Tiedemann und H. Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977, p. 628. Consultou-se, também, a tradução para a língua italiana, “Lo Scigno del tesoro dell’amico di casa renano di J. P. Hebel”, em OC V: 545.*

*Recebido 24/03/2021*

*Publicado 15/02/2022*